

## **Paisagem – ideia de imaterialidade**

Filipa Barata

O termo paisagem tem sido marcado por certa ambiguidade ao longo do tempo, acabando por se converter, já durante o século XX, em algo mais amplo que podemos designar como paisagem cultural.

Assim, o conceito de PAISAGEM permite que dentro dele se incluam outros conceitos que de modo diferente, e por vias interpretativas distintas, o formam, tornando-o abrangente e vasto e ao mesmo tempo capaz de se conjugar com outras disciplinas de conhecimento.

A importância do termo paisagem reflecte uma componente visual que pode ser apenas percebida pelos sentidos ou também descrita. Na descrição da paisagem entram habitualmente em jogo uma série de elementos que fazem dessa descrição um objecto artístico e não apenas empírico. Neste sentido, a paisagem é sempre também o produto de um processo de construção que se opera sobre a natureza, criando a partir dela algo demarcado – e que nessa demarcação contém alguma unidade – que podemos identificar como paisagem individual, onde convergem mecanismos de várias ordens: culturais, afectivos, geográficos, antropológicos, pictóricos, literários, etc.

A representação do território, e sobretudo o rural é, desde o Romantismo, um elemento marcante na literatura portuguesa, não só enquanto elemento pictórico, mas também como motivo de interioridade que contém em si um processo de autoconhecimento, por parte do indivíduo, que inevitavelmente se liga à sua matriz cultural, desenhando deste modo uma paisagem íntima que é património imaterial.

Por conseguinte, e tomando como ponto de partida o texto literário que descreve a paisagem e reflecte sobre ela pretendemos mostrar como aos elementos paisagísticos e à sua montagem num quadro representativo mais amplo corresponde não só uma ideia de paisagem, mas também uma ideia de portugalidade.

De facto cremos existir em alguma da literatura portuguesa dos séculos XIX e XX uma estreita relação entre o modo como se representa a paisagem e a expressão de sentimentos do sujeito, fazendo dessa paisagem um espaço por excelência de intimidade e conhecimento sobre o próprio e os outros, onde o colectivo e o individual se fundem para formar um tipo paisagístico ao qual estão igualmente subjacentes elementos memorialísticos. Por isso, a paisagem pode ser entendida como uma forma de memória – colectiva e individual – constituindo-se como património imaterial, através do qual se reflecte uma imagem cultural que é simultaneamente pictórica, geográfica, antropológica, histórica, etc.

Assim, o objectivo do nosso trabalho será partir de um texto literário que, apesar da sua filiação ao género narrativo, mistura vários registos discursivos - intimismo, memorialismo, ensaio – tentando perceber de que modo é que esses registos se conjugam com um tipo específico de paisagem. Neste sentido, tentaremos mostrar como se incorporam memória individual e memória colectiva na construção de um quadro paisagístico que é afinal parte de

um património memorialístico nacional pontuado por uma intimidade à qual pertencem as emoções e estados de espírito individuais.

O texto sobre o qual procuraremos analisar a forma como a relação entre paisagem e intimidade concorre para a edificação de uma memória imaterial é *Aldeia, terra, gente e bichos*, de Aquilino Ribeiro.